

*Aue*  
**O povo sumiu** *p 9*

Villas-Bóas Corrêa

**C**adê o povo? Não tem sido visto na Constituinte, a não ser em grupos organizados pelas entidades de ponta para a defesa de reivindicações específicas. Multidão mesmo, Brasília, por enquanto, só conheceu a da passeata da UDR. A esperada e tantas vezes anunciada pressão popular ainda não deu o ar de sua graça em nenhum dos estágios de elaboração da futura Constituição, arrastando-se há quase um ano e com sucessivos empacamentos.

Nem na Constituinte nem cá fora, nas ruas e praças. Ninguém discute que a decepção popular com a atividade política em geral, e com o governo e a Constituinte em especial, amolda um virtual consenso. Se dependesse do povo, tudo isso que está aí seria varrido, com a raiva da desforra, para o lixo de ontem, para o monturo da desesperança. É, porém, uma decepção guardada no fundo do peito, passiva, remoendo entranhas, como que represada para explodir um dia, a qual hora, por qualquer pretexto.

Ninguém herdou a liderança, a representação da amargurada frustração de um povo que se sente enganado e que passou da euforia participante para as funduras de descrença abúlica. Claro que, aqui e acolá, registram-se manifestações setoriais. Dos seus interesses imediatos, cada um cuida, nas greves de reivindicações de categorias. O estado de espírito da população se entremostra nos resmungos dos protestos ou na tristeza que envolve as vazias ruas inseguras e se confirma nas pesquisas.

Todos os que se arvoraram em vocalizadores do desânimo nacional perderam o rebolado e recolheram as velas à discrição prudente. Os comícios pelas diretas-já dissolveram-se em rotundos, em contundentes fracassos. O de São Paulo perdeu para o show da Xuxa; o do Rio não passou dos limites modestos de uma concentração da brizolândia.

A estratégia do governo para a virada dos cinco anos foi montada, realisticamente, na convicção do desinteresse popular. Ninguém no esquema que urdiu na sombra — com a maior competência —, a reviravolta que mudou, num passe de mágica, a expectativa da decisão final do plenário, transformando a vitória provável dos quatro anos no favoritismo absoluto dos cinco anos de mandato para o presidente Sarney, levou a sério as ameaças da pressão popular.

Olhem que a esquerda sabe vender e badalar as suas causas. A marcha sobre a Constituinte vem sendo anunciada antes mesmo que ela se instalasse. Parecia lógico que o povo que se mobilizou para a virada e que operou a transição permanecesse nos espaços reconquistados. A espera estamos todos, em nervosa ansiedade. Muitos chegaram a ouvir o ruído surdo dos passos de milhares na cadência da caminhada.

Alguma coisa mais profunda há de explicar a apatia da

sociedade, o seu desligamento em massa, súbito, de longa e vitoriosa participação na mudança do perfil do país.

Certamente que muitas serão as causas a serem investigadas. Uma delas, com lugar cativo nas prioritárias, é a inexistência de lideranças legítimas para comandar a reação. Os que se afinavam com o coro das ruas — estão aí, desavindos e perplexos. A lista de assinaturas à emenda dos cinco anos registra também o atestado numérico do racha do PMDB. Meio a meio. Metade aderiu de público aos cinco anos; outra fincou pé nos quatro anos. Isto é o PMDB, uma legenda que já não aguenta a representação, da burla da unidade e que está pagando o preço, com juros de usura, pela insistência no escapismo, no fingimento, na fuga intencional e calculista dos seus compromissos.

O governo ganhou a corrida pela apresentação das emendas, jogando com a certeza da omissão popular e em cima do PMDB. E o partido do dr Ulysses foi o grande derrotado. Para começo de conversa, porque passa a ser, daqui para a frente, o grande responsável pelo provável adiamento de eleições presidenciais diretas para 89. Indesmentível: se o PMDB quiser diretas este ano, dispõe de maioria folgada para aprová-la sozinho, sem ajuda de um único voto aliado. São 305 em 559, 25 a mais da maioria absoluta. Pelos quatro anos, com eleições este ano, estão os brizolistas, os petistas, as esquerdas e dissidentes do PFL.

Inacreditável que uma legenda como a do PMDB tenha se desmoralizado tão depressa, baixando à degradação de bandos que se hostilizam no espetáculo de uma desagregação abjeta. Nenhum princípio, nenhuma convicção, nenhum compromisso. A mais sordida competição de baixos interesses, a mesquinha da avaliação das vantagens. Não quer diretas este ano, porque treme de medo das urnas.

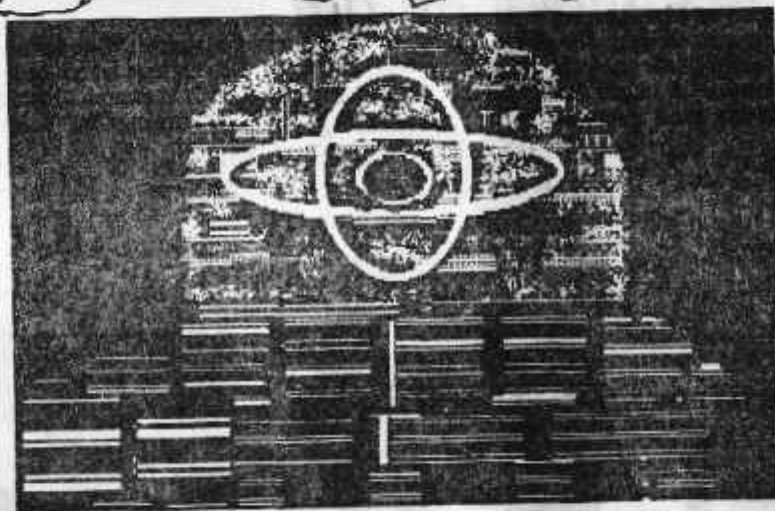
Se o PMDB queima os seus líderes e suja o carisma de suas figuras mais qualificadas, como o dr Ulysses, a verdade é que não há sucessores à vista. O panorama é de desolação, de aridez desértica. E sem líderes, sem partidos legitimamente credenciados a exprimir e comandar a reação do povo, ele se dispersa e some das ruas, das praças, dos comícios. Perdeu os caminhos de Brasília.

Afinal, não se deve negar méritos a quem merece. O governo acertou uma tacada de mestre. A articulação do apoio da folgada maioria do plenário à emenda dos cinco anos, de mandato para Sarney foi um primor de habilidade, um lance de alta competência profissional. Executado às escâncaras e não foi percebido. Do outro lado, debochou-se do esforço para juntar assinaturas, no mutirão que reuniu ministros, governadores, lideranças. Poupano-se, até onde foi possível, o presidente Sarney de um envolvimento desgastante.

A expectativa inverteu-se. O favoritismo passou para os cinco anos. Resta aos sonhadores das diretas-já, este ano, esperar na janela da Carolina, pela pressão popular — miragem — da Constituinte que está sendo remendada sem povo, na velha, na eterna fórmula dos alinhavos e costuras dos políticos.

**MILITAR**

**5 ANOS!?**



ESSE PESSOAL ESTÁ BRINCANDO COM CÉSIO

